

Os médicos chegaram ao limite

por José Casado
de São Paulo

(Continuação da 1ª página)

optou por internar-se no Hospital das Clínicas, em um quarto próximo à Unidade de Terapia Intensiva, na qual o presidente passa confinado as últimas quatro semanas.

Esperava-se a morte, mas persistia entre os médicos uma curiosidade científica. Poucas vezes se viu um organismo tão resistente quanto o de Tancredo Neves, apesar de sua avançada idade. Para atenuar os problemas, a equipe médica optou por duas sugestões dadas por Zapol, na tarde de sábado: reduzir ao mínimo de 30 graus a temperatura do corpo, num processo de hipotermia (drogas específicas e colchão térmico controlado por computador), e aplicar uma substância, a Dihidroxiopropina, para inflar os pulmões.

Isso porque se notava um gradativo e crucial agrava-

mento da dificuldade respiratória, mesmo quando o paciente recebia 80 a 100% de oxigênio concentrado, diretamente nos pulmões, com 20% de pressão.

Em consequência, observava-se uma redução nos movimentos cardíacos (70 e 80 batidas por minuto foi a média alcançada no fim de semana, quando o normal é de 90 batidas). Os médicos, também, inferiram um processo de enrijecimento do coração. E, como não havia oxigênio suficiente para abastecer o organismo, o sangue ficava cada vez mais viscoso, cada vez mais repleto de impurezas.

Tudo o que os médicos tentaram, no fim de semana, foi manter esse precário equilíbrio. A cada nova crise bacterêmica — a mais recente foi na madrugada de domingo — Tancredo ficava mais frágil, mais próximo da morte. Suas forças vitais esvafam-se minuto a minuto. Na noite de domingo, as compli-

ções ficaram mais agudas. O frágil equilíbrio hemodinâmico rompia-se.

Esperando o desfecho, os médicos ficaram a observá-lo, realmente, como um paciente de interesse científico. Do tipo "Código W", que é a sua designação no computador central do Hospital das Clínicas — nada paga e tudo recebe do hospital, porque se trata de um caso especialíssimo.

Para Zapol, por exemplo, este foi um caso de contornos inéditos, no qual ele pode, até mesmo, recomendar a hipotermia (técnica proibida em seu país de origem) e drogas que ainda não passaram da classificação de "experimental". Para a equipe de Pinotti foi pouco mais: teve-se, com Tancredo, um autêntico desafio, pois foi-se ao limite máximo possível da técnica em terapia intensiva, o que consolidou a posição do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas como uma unidade hospitalar de quarta geração, uma das poucas no mundo.

Do outro lado do vidro da UTI, a família Neves, abalada há seis semanas pelo intenso sofrimento, não perdia a fé nem a esperança: "Enquanto houver um pedacinho de vida não deixaremos de nos agarrar a ela", explicava Tancredo Augusto, filho mais velho do presidente. "Mas não é demais dizer que nós também estamos muito cansados", desabafou.

Para a história, restará a imagem de um político que lutou duro 21 anos, venceu todos os adversários, costurou um projeto de conciliação nacional que a muitos parecia impossível, mas não conseguiu driblar a si mesmo: existem indícios concretos de que Tancredo Neves se sabia gravemente doente há pelo menos um ano, porém acreditou que se sacrificando até a posse conseguiria, depois, safar-se da doença, com elegância e naturalidade peculiares a seu estilo. Não deu certo. O inimigo íntimo o derrubou na véspera da posse.